

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Letícia Ferreira

**SUICÍDIO E MÚSICA: UMA DEMONSTRAÇÃO DA ANOMIA SOCIAL BRASILEIRA ATRAVÉS DE
ANÁLISES MUSICAIS**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Dmitri Cerboncini Fernandes.

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Letícia Ferreira, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201772098A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **SUICÍDIO E MÚSICA: UMA DEMONSTRAÇÃO DA ANOMIA SOCIAL BRASILEIRA ATRAVÉS DE ANÁLISES MUSICAIS**, desenvolvido durante o período de 16/07/2019 a 27/11/2019 sob a orientação do Prof. Dr. Dmitri Cerboncini Fernandes, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

LETÍCIA FERREIRA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

SUICÍDIO E MÚSICA: UMA DEMONSTRAÇÃO DA ANOMIA SOCIAL BRASILEIRA ATRAVÉS DE ANÁLISES MUSICAIS

Letícia Ferreira¹

RESUMO

O presente artigo tem a pretensão de apresentar um estudo sociológico do suicídio baseando-se nas teorias durkheimianas sobre este fenômeno, tendo como objeto de estudo representações artísticas do suicídio na sociedade brasileira. Levando em consideração a vigência dos inúmeros casos de suicídio sucedidos no Brasil na atualidade, este trabalho parte do pressuposto de que há um estado contraditório no qual a sociedade brasileira se encontra e, portanto, buscará dar relevo por meio da análise de manifestações midiáticas e musicais a um processo de anomia social que possivelmente sucede no tecido social brasileiro. Dessa forma, tem por objetivo demonstrar, por intermédio de análises musicais com conteúdo denso e melancólico de uma banda brasileira de indie rock chamada Supercombo, essa anomia social. Posto isso, por meio das análises musicais será possível chegar ao resultado conjecturado.

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio; Música; Durkheim; Anomia social.

1. INTRODUÇÃO

O suicídio é um fenômeno bem conhecido, devido a sua onipresença em todas as sociedades humanas. Isto é, não houve agrupamentos sociais, em algum momento de suas existências, cujos membros não tenham apresentado certa propensão para o ato do suicídio. Apesar de tal atemporalidade, o suicídio foi considerado um tabu e um crime por vários séculos, principalmente por religiões pautadas em moralidades a qual pregavam a condenação eterna aos que tirassem a própria vida. Já em algumas determinadas sociedades, cometer suicídio poderia ser considerado um ato de reverência e honra, ou, por outras vezes, uma obrigação do indivíduo. Com isto torna-se possível perceber que cada sociedade tem sua maneira de lidar com este fato, havendo variações contextuais sócio-históricas. Entretanto, nas sociedades modernas, o suicídio continua atraindo considerável atenção, especialmente pela parte das ciências psicológicas e psiquiátricas. Contudo, foi a sociologia quem, desde seu princípio, estabeleceu um arcabouço de estudos consistentes nesta área, e, o presente trabalho permanece nessa esteira como objeto o fenômeno suicida enquanto instrumento de estudo sociológico. Apesar de o fenômeno do suicídio continuar a ser tratado tal como um ato individualista, tomado por objeto comumente sobretudo pelas ciências psicológicas, conforme já mencionado, neste artigo ele será abordado como um fenômeno social, ou seja, será observado e estudado enquanto um acontecimento coletivo fundamentando-se, principalmente, na tradição que remonta aos estudos durkheimianos sobre o suicídio (2000, pág.14).

O senso comum pautado nas ciências médicas e psicológicas costuma tratar o acontecimento do suicídio como apenas um autocídio de alguém que não fazia mais questão de viver devido a um grande sofrimento psicológico ou a desajustes neuropsíquicos e biológicos, ignorando vários fatores sociais por detrás do fenômeno. Ignora também que nem todo mundo que tira sua própria vida está almejando este feito, similar são vides os casos de “suicídios” cometidos por pessoas com transtornos psicóticos, as quais podem vir a tirar suas próprias vidas por causa de uma alucinação. Não é de interesse neste trabalho entender para além dos motivos individuais que tenham ou não levado o indivíduo a tirar a própria vida, mas este trabalho buscar conceituar o fenômeno do suicídio para que se encaixe na proposta aqui a ser postulada de uma maneira sociológica. Portanto, visando a melhor delimitar esses casos de assassinatos de si mesmo, é preciso recorrer ao sociólogo Durkheim, que assim os conceitua como: “[...] chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: leticiaferreiraajf@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Dmitri Cerboncini Fernandes.

indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado.” (2000, pág. 14). Dessa maneira, são ignoradas todas as outras formas que não seja a de, em sua consciência, se cometer o ato que preveja a própria morte, sendo este ato passivo (deixar de comer, por exemplo) ou ativo (se jogar de uma ponte, por exemplo).

Na contemporaneidade, e por intermédio da tecnologia, o assunto “suicídio” tem sido evidenciado através das esferas de comunicação. Apesar de ainda ser tabu para alguns, a impressão é de que certa naturalidade tange a abordagem deste fenômeno em algumas circunstâncias, o que causa certos graus de estranhamento, levando em consideração a carga negativa acarretada por tal ato em nossas sociedades modernas. É possível perceber correntemente menções a este fenômeno nas redes sociais; em filmes; em séries voltadas para o público jovem; e em versos de canções de bandas. Estas últimas incitam explicitamente seus ouvintes ao ato do suicídio, valorizando-o como algo até mesmo desejável, concordando com o conceito de suicídio aqui declarado. Em vista disso, com enfoque maior a estas figuras musicais torna-se questionável o porquê deste ato, censurado e reprovado durante tanto tempo em todos os meios sociais está sendo tratado de forma desejável em meio a certas expressões artísticas voltadas ao público jovem, expressando, talvez, o modo pelo qual estas pessoas que as escrevem e os grupos que as escutam e se identificam com elas estão se sentindo na modernidade: melancólicos e ansiosos pela morte.

A grande ocorrência de suicídio² sugere a presença de graves problemas sociais, sobretudo em meio aos jovens que vislumbram como solução para seus problemas tal ato. Na época de Durkheim tal sociedade seria vista como em estado de anomia; embora este conceito na atualidade tenha caído em desuso, isto não significa que as canções que retratam pensamentos de parcela da sociedade e dos grupos que se identificam com tais mensagens mereçam apenas o descrédito ou o epíteto de “normalidade”. Os indivíduos enredados nessa figuração musical encontram-se em um estado que merece ser investigado sociologicamente, dado que a sociedade que os acolhe certamente encontra-se em alguma contradição. Desta forma, por meio da análise das letras de canções de uma banda brasileira de indie rock chamada Supercombo, a qual tem predomínio de temas melancólicos, de desintegração social e suicidas, o presente trabalho tenciona demonstrar o estado contraditório da atual sociedade, da inserção dos jovens e de sua desagregação, mais precisamente da sociedade brasileira. Para auxiliar no desenvolvimento do trabalho proposto, além das análises musicais, haverá um debate com certos artigos, PIMENTEL et al (2009) e MOESSA; MANCINI (2010).

2. A incidência do suicídio e sua apresentação na mídia e na música

O fenômeno social que perpassa as sociedades desde sempre está bastante presente. Sua incidência tem sido alta, principalmente no Brasil. De acordo com dados da Organização mundial da Saúde (OMS), cerca de 800 mil pessoas em todo o mundo cometem suicídio todos os anos, tornando-se a segunda maior causa de morte entre pessoas de 15 a 29 anos de idade, ficando atrás somente dos acidentes de trânsito. Segundo este órgão internacional, a cada 40 segundos uma pessoa no mundo tira sua própria vida, sendo registrados casos de suicídio em qualquer país, seja ele rico ou não. Já no Brasil, comparando as taxas de 2010 e 2016, a OMS observou um aumento de 7% na taxa de suicídios, ao contrário da taxa mundial, que obteve uma queda. Devido a essas altas taxas de suicídio, os países, inclusive o Brasil, promovem campanhas de prevenção, como as que ocorrem no mês de setembro, os quais deram o nome de “setembro amarelo”, com a finalidade de obter resultados positivos em relação à queda desse fenômeno.

Os meios de comunicação têm abordado este fenômeno consideravelmente, de forma dúbia: seja com intuítos em razão das enormes taxas que apresenta, como também para noticiá-lo de maneira sensacionalista, revelando, de toda forma, a existência antecedente do problema social e sua relevância. É possível observar a presença dos atos de suicídio nas mídias, por meio de notícias em jornais, sites, redes sociais, etc., que evidenciam inúmeros casos muitas vezes em busca de vendas, visualizações, etc., tal como afirma Manini: “No jornalismo a morte tem valor-notícia, ela impressiona as pessoas, pois as mesmas têm mais interesse por fatos negativos” (MANINI, 2008, pág. 127 apud MOESSA; MANCINI, 2010, pág.4). O suicídio, desta forma, torna-se noticiado tal qual outros problemas sociais. A indústria de entretenimento também tem abordado o tema em

² Um suicídio ocorre a cada 40 segundos no mundo, diz OMS. **Nações Unidas Brasil**. 09 set. 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/um-suicidio-ocorre-a-cada-40-segundos-no-mundo-diz-oms/>>. Acesso em: 16 out. 2019.

séries, vide a série “13 porquês”, voltada ao público jovem, na plataforma de *streaming* “Netflix”, em que é apresentado juntamente com os sintomas de exclusão e o *bullying*.

Algumas pessoas associam a aparição da temática suicida nesta série com uma maior ocorrência do suicídio, como se os jovens que assistiram à série fossem influenciados pela mesma, e tendessem a cometer o ato. Certos pesquisadores, inclusive, chegaram a tal associação, repetindo argumentos do Século XIX desbaratados por Durkheim, como a explicação pela imitação ou “contágio” (2000, pág. 158):

[...] É que, reduzidas apenas às suas forças, a imitação não pode ter nenhuma influência sobre o suicídio. No adulto, salvo os casos muito raros de monoideísmo mais ou menos absoluto, a ideia de um ato não é suficiente para engendrar um ato similar, a menos que ela encontre um indivíduo que, por si mesmo, já seja particularmente inclinado a este ato.

O mesmo pode ser dito sobre as notícias em jornais; há explicações que afirmam que jornais, ao publicassem notícias sobre isso, levariam às pessoas a tirarem a própria vida, em razão do contágio e da imitação do fenômeno. De acordo com Moessa e Mancini (2010, pág. 5):

Atos autodestrutivos teriam sido estimulados, em diversos países e momentos históricos, através de peças de teatro, filmes, livros, poesias, músicas e notícias publicadas. O exemplo clássico é a obra literária Goethe (*Os sofrimentos do Jovem Werther*), publicado em 1774. A obra relata o herói que após uma paixão não correspondida se mata. Após a publicação do livro, muitos jovens utilizando o mesmo método cometem suicídio. O livro foi proibido em diversos locais, surgindo o termo “Efeito *Werther*”, utilizado na literatura técnica para nomear os suicídios imitativos.

No entanto, em termos sociológicos, se sabe que não é tão simples assim; não é por assistir uma série que uma pessoa comete suicídio, nem por ler sobre o assunto em jornais ou ver publicações em redes sociais. As pessoas não serão levadas a cometer suicídio se assistirem ou lerem caso não houver uma predisposição para cometê-lo. Há um motivo anterior que leva a pessoa a cometer o ato. Segundo Durkheim, (2000, pág.160):

Na realidade, o que pode contribuir para o desenvolvimento do suicídio ou do assassinio não é o fato de se falar nisso, é a maneira pela qual se fala. Onde essas práticas são abominadas, os sentimentos que despertam traduzem-se através dos relatos que se fazem delas, e, por conseguinte, neutralizam mais do que excitam as predisposições individuais. Ao contrário, quando a sociedade está moralmente desamparada, seu estado de incerteza inspira-lhe uma espécie de indulgência para com os atos imorais, a qual se expressa involuntariamente todas as vezes que se fala neles e torna sua imoralidade menos perceptível.

Seguindo o raciocínio de Durkheim, sendo possível encontrar a temática do suicídio na música em meio aos versos os gêneros nos quais aparecem ou em letras reforçando esse sentimento melancólico, ou ainda em letras buscando prevenir tal fato, como forma de apaziguamento tem-se que podemos avaliar o grau de moralidade de nossa sociedade, ou ao menos de grupos sociais que se aproximam de tais representações. No universo da música, expressão dos indivíduos que as cantam ou que as compõem, historicamente, o objeto suicídio sempre teve seu espaço. Sua relação repercutiu, especialmente, no “Rock” em seus subgêneros. O número de casos de mortes prematuras (e suicídios) nesse meio é extenso. Devido a estes vários casos de mortes precoces de artistas terem sido aos 27 anos denominaram-nos formalmente de “clube dos 27”³. Tais figuras apresentavam-se com depressão, compunham letras melancólicas, usavam entorpecentes e alguns chegaram a morrer de overdose. Kurt Cobain, vocalista da Nirvana; Chester Bennington, vocalista da *Linkin Park*; Chorão e Champignon, vocalista e baixista da Charlie Brown Jr.⁴, respectivamente, são algumas figuras da música que cometeram suicídio.

³ É possível observar mais sobre a peculiaridade das mortes de tais artistas em: <<https://www.infoescola.com/musica/clube-dos-27/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

⁴ BLEZER, Débora. 10 músicos que tiraram a própria vida. **Revista Cifras**. 05 abr. 2013. Disponível em: <https://revista.cifras.com.br/artigo/10-musicos-que-tiraram-a-propria-vida_5977>. Acesso em: 22 out. 2019.

Pode-se questionar se as mortes que decorreram do uso excessivo de drogas podem ser consideradas suicídios; desta forma, pode-se recorrer novamente a Durkheim, para quem “nem mesmo é necessário que o ato emanado do paciente tenha sido o antecedente imediato da morte para que ela possa ser considerada seu efeito; a relação de causalidade pode ser indireta, e nem por isso o fenômeno muda de natureza” (2000, pág.11). Com isto, percebe-se que, dentro desta perspectiva, mortes decorridas de overdose, as quais os autores conheciam a possibilidade, também podem ser consideradas suicídios.

O vocalista da banda *Linkin Park*, Chester Bennington, tirou sua própria vida um tempo após receber notícias de que um amigo próximo, também cantor, havia cometido suicídio. O mesmo ocorreu com o baixista da banda brasileira Charlie Brown Jr., Champignon, que cometeu suicídio um tempo depois da morte de seu colega de banda Chorão. Em vista disso, algumas pessoas⁵ chamam a atenção para tais mortes coincidentes, fazendo uma possível associação entre elas, dando a entender que os que cometeram suicídio ulteriormente foram influenciados pelas mortes voluntárias dos amigos. No entanto, se tais indivíduos não partilhem de uma tendência que lhes era própria para cometer o ato, motivada sobretudo por causas de origens sociais, não teriam atentado contra suas próprias vidas.

2.1 Preferência musical e risco de suicídio entre os jovens

O suicídio, enquanto fenômeno, foi açambarcado majoritariamente pelas ciências psicológicas, as quais se debruçaram sobre ele enquanto um fato individual, decorrente de um mau funcionamento da vida psíquica. Tais ciências veem o problema geralmente como biológico, ignorando seu âmbito social. Ao estudarem o suicídio com relevância unicamente subjetiva, desconsideram que o meio social gera as predisposições sobre o sujeito, e que o impelem até o ato se tornar concreto. Sabe-se também que quando há uma ocorrência de diversos casos de suicídio em uma determinada localidade o caráter de tal acontecimento notoriamente é social.

No presente trabalho, o suicídio está concebido como um fato social. O fato social é um objeto próprio da sociologia, que nenhuma outra ciência é gabaritada a dar conta, tampouco a psicologia. Ele é exterior aos indivíduos, capaz de exercer coerção sobre eles em virtude do que lhes impõe, e para melhor estudá-lo é preciso tratá-lo como coisa (DURKHEIM, 1966, pág. 3). Um caso de suicídio isolado é um episódio, já vários casos de suicídios cometidos em um determinado corpo social cria um fenômeno que só é capaz de ser analisada por meio da sociologia, haja vista forças sociais não poderem ser explicadas pelos próprios indivíduos, o que as faz diferente, portanto, da psicologia. E é por este motivo que não interessa em um estudo sociológico, os pretensos motivos de âmbito individuais e episódios que tenham levado o indivíduo a tirar sua própria vida. A psicologia pretende até mesmo dialogar com a sociologia por meio dos estudos de psicologia social, que pode ser uma tentativa de encontro entre uma teoria que vislumbra o indivíduo e a sociedade ao mesmo tempo. Porém, em última instância, ainda assim, o substrato da explicação em diversos momentos, visto que as abordagens da psicologia social desde os seus primórdios oscilaram bastante (FERREIRA, 2010, pág. 51), esteve focado no indivíduo; ou na maneira pela qual o homem, antes de tudo, se comporta em suas relações sociais, sem levar em consideração que suas atitudes; ou os problemas que desencadearam o autocídio; nada mais são do que resultados de uma vida coletiva, de relações que o envolvem, que dirigem direta ou indiretamente sua vida. Isto é, o indivíduo é moldado pelo meio em que ele vive. Segundo Ferreira, (2010, pág. 51):

Assim é que, em seus primórdios, a Psicologia Social adotou uma abordagem eminentemente molar, dedicando-se prioritariamente ao estudo dos processos socioculturais e concebendo o indivíduo como integrante desse sistema. Com o passar do tempo, porém, ela foi progressivamente adotando níveis mais moleculares de análise e se tornando mais individualista, ao se focalizar cada vez mais na investigação de processos intraindividuais. Em reação a tal individualização, a Psicologia Social irá assistir a outras mudanças de rumo, responsáveis pelo desenvolvimento de abordagens que se voltam novamente para a análise de eventos e processos histórica e culturalmente situados e dinâmicos.

Mediante os fatos de suicídio cometidos, a psicologia busca descobrir estes motivos subjetivos pelos quais um ser tira sua própria vida, e, a não ser que este tenha passado por algum tratamento, como uma

⁵ Isso é notório em notícias de jornais que buscam compreender tais coincidências. Disponível em : <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/21/internacional/1500613513_448682.html>. Acesso em: 20 nov. 2019; <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/09/musico-champignon-e-encontrado-morto-em-sp.html>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

psicoterapia, por exemplo, não é possível descobrir os fundamentos particulares da prática, visto que o indivíduo já se encontra morto e não há como constata-los. É sempre difícil explicar as causas de um fenômeno, pois de todos os fenômenos, os mais complexos são as volições humanas (DURKHEIM, 2000, pág. 170). Contudo, os motivos coletivos, a predisposição de cada sociedade em relação ao suicídio, os elementos sociais pelos quais as pessoas em coletividade vêm tirando suas vidas de forma que possibilite que as classifiquem em certos tipos sociais são interessantes e possíveis de serem repertoriados por um sociólogo, e passíveis de explicação, portanto, seguindo as teorias de Durkheim.

No artigo vinculado à psicologia (PIMENTEL et al, 2009) é possível constatar uma tendência superficial em tentar determinar as causas dos fenômenos suicidas. Este estudo, em específico, buscou correlacionar a audição de alguns gêneros musicais com a disposição ao suicídio. Consequentemente, se leva a acreditar que a causa de um fenômeno pode ser devido à preferência musical de um indivíduo. Contudo, essa explicação converte-se em algo não convincente, pois desconsidera os fatores sociais que podem estar por trás desse fenômeno e que o faz tornar possível. Dentro da pesquisa, chegaram à conclusão de que os indivíduos que escutam o gênero *rock*, mais precisamente o subgênero *Heavy metal*, têm maior risco de cometer suicídio. A pesquisa, inclusive, apresenta outros gêneros musicais que, segundo a mesma, podem ter uma influência sobre os sujeitos, mas o gênero *rock* é mesmo o que mais instigaria o suicídio.

O artigo expressa o efeito da imitação nos fãs de cantores e bandas que possuem atitudes completamente rebeldes e um grande arcabouço de versos melancólicos e com teor suicida, de maneira que estas figuras influenciariam e levariam os fãs a terem atitudes de atentar contra a vida, tal como usar entorpecentes, cometer autolesões e se tornar rebeldes, o que inclusive poderia levar ao ato último, o de tirarem a própria vida, como apontado em uma passagem do artigo (PIMENTEL et al, 2009, pág. 27):

No que se refere aos fãs, observa-se que também muitos deles cometeram o suicídio. Conforme levantamento realizado por este autor, na década de 1980 registram-se sete suicídios de fãs do AC/DC, Pink Floyd, Ozzy Osbourne, Judas Priest. E que muitos suicídios foram atribuídos à influência da música *Suicide Solution* de Ozzy Osbourne e o astro foi processado por isso.

Esse estudo salienta também o ocorrido em Columbine, onde dois garotos entraram em uma escola, assassinaram vários colegas e depois tiraram suas vidas. Correlacionaram este crime cometido por eles e o suicídio com o processo de imitação, em que constataram que os mesmos escutavam músicas de pop rock e outros gêneros, considerados por eles como preocupantes. (PIMENTEL et al, 2009, pág. 28):

Eric Harris e Dylan Kleybold mataram 12 de seus pares, um professor e depois a si mesmos, no Columbine High School, em Littleton, no Colorado. Esse trágico fato já foi matéria de dois filmes e certamente também marcou a história do rock, visto que, após cinco dias do crime trágico, descobriu-se que os jovens assassinos idolatravam o pop rock Marilyn Manson e que gostavam igualmente de música eletrônica, techno germânico e de grupos de death metal.

O episódio que ocorreu em Columbine revela o modo pelo qual uma sociedade escorada em uma cultura de violência, de natureza igual a dos Estados Unidos, com um histórico de participação em guerras, inúmeros bombardeios contra países, vivendo sob ameaças, sendo a favor da lei do armamento, transmitindo constantemente o sentimento de medo a seus habitantes, em suma, como todos esses fatores influenciam o comportamento do seu corpo social. A violência está intrínseca na história do país. Os garotos que cometeram os assassinatos e os autócídios estavam imersos nessa cultura, vendo em todos os noticiários diversos crimes e hostilidades, estando expostos a filmes violentos e passíveis a obter armas. Cometeram, portanto, tais delitos pois já tinham uma inclinação para o assassinio e o suicídio. Demonstrando que o motivo de fundo para tais atos foi um estado social antecedente em que a sociedade estadunidense se encontra imersa, que permite, e até incentiva indiretamente comportamentos análogos a estes, isto é, de violência extrema.

O trabalho (PIMENTEL et al, 2009) pretendeu associar o crime cometido com a audição do rock; para ser mais claro, com o cantor Marilyn Manson, em cujo repertório encontra-se o predomínio de letras violentas, com teor de revolta, com abuso de álcool e drogas e predominância de suicídio. Entretanto, isso não quer dizer que a música em si os tenha levado a cometer este feito, dado que muitos escutam músicas dessa categoria e não efetuam tais condutas. Todavia, esse caso demonstra que os rapazes que executaram o assassinio e cometeram suicídio tinham uma disposição para fazê-los. O sentimento de solidariedade estava rompido, as instituições sejam elas do corpo social ecumênico, sejam elas familiares, não regulavam as trocas sociais da

forma que careciam. Portanto, há um estado de desordem na estrutura social dos transgressores, em termos durkheimianos que seria capaz de explicar tais atos.

O mesmo pode-se dizer dos casos encontrados da pesquisa mencionada anteriormente que do mesmo modo associaram os jovens que escutam *heavy metal* com o risco a se matar. A questão não está na música, ela não tem a supremacia de fazer com que o indivíduo se mate caso ele esteja bem e em consonância com as instituições que o abrigam e regulam. Se por acaso ele não estiver em estado canônico, isto é, em conformidade com as normas convencionadas, e, portanto, encontrar-se em processo adverso às regras morais, ele terá maior risco de tirar sua própria vida. E não será por causa da música: a música só enfatiza o sentimento com o qual ele se identifica, e que antecede a própria música. Como evidenciou Durkheim, “O exemplo é a causa ocasional que faz manifestar-se o impulso; mas não é ele que cria, e, se o impulso não existisse, o exemplo seria inofensivo” (2000, p.159).

No que tange ao artigo (PIMENTEL et al, 2009) houve uma adequação quando se tentou relacionar os adeptos do *heavy metal* com o nível de vinculação à instituição social “família” a fim de ver se esses laços eram fortes, e se observou que ela estava moralmente desregulada. Ao relacionar este fator com a predisposição ao suicídio é notório que esta instituição que segundo a teoria durkheimiana deveria encontrar-se em funcionamento portando seu papel regulador, não estava atuando de forma coercitiva sobre os indivíduos. Este poderia vir a ser um fator sociológico preponderante para a disseminação do suicídio, não a mera audição de músicas do gênero apontado.

Em concordância com toda a análise aqui realizada, o processo de imitação só se dá em quem já tem uma propensão anterior, provavelmente devido a problemas nas estruturas sociais que permitem que essas pessoas cometam crimes num geral e efetuem o autocídio. É apropriado lembrar que, segundo as leis jurídicas brasileiras, o suicídio não é considerado um crime, somente o é para quem auxilia no cumprimento do ato. Diversos casos parecidos com esse de Columbine ocorreram no Brasil, igualmente, garotos entraram em escolas, mataram colegas de classe e depois se mataram, e geralmente esses acontecimentos são associados a diversas causas sociais. Todos esses eventos demonstram uma sociedade em que as pessoas estão doentes e tais eventos semelhantes não podem ser explicados pela inspiração da imitação, mas podem ser atribuídos ao processo de anomia uma vez que ele esteja dado ali. São inúmeras as razões sociais que fazem com que essas pessoas busquem uma representação de identidade, é o caso dos fãs desses tipos de música. Existem problemas sociais pelos quais esses fãs são submetidos que contribuem para que os princípios morais deles sejam modificados.

2.2 Os tipos de suicídio segundo Durkheim

O sociólogo Durkheim identifica em sua obra clássica sobre o suicídio quatro espécies de mortes de si mesmo. A primeira espécie que ele apresenta é a do “Suicídio Egoísta”, que decorre do excesso de individualização do sujeito, sobrepujando a consciência individual em detrimento da consciência coletiva, o que contribui para que ele seja desligado da vida social. Em vista disso, quanto mais o indivíduo se enfraquece do meio social, se isolando da participação familiar; da participação política; da participação religiosa etc., menos depende dele (DURKHEIM, 2000, pág. 258). Se uma individualização excessiva pode levar ao suicídio um excesso de participação social também o pode (DURKHEIM, 2000, pág. 269). Dessa maneira, é possível evidenciar a segunda espécie que o sociólogo aponta, o “Suicídio Altruísta”. Essa categoria de autocídio é comum em sociedades tradicionais, nas quais a consciência coletiva é muito forte e a individual não existe e, por este motivo, o indivíduo se vê obrigado a tirar sua própria vida por uma questão de honra (DURKHEIM, 2000, pág. 272). Há uma espécie de suicídio que Durkheim pouco desenvolve, evidenciando-o apenas em uma nota de rodapé, o qual chamou de “Suicídio Fatalista”. Este foi conceituado brevemente como um fato decorrido do excesso de pressão e regulamentação da sociedade, e que o indivíduo não consegue suportar, vindo a se valer do ato extremo de tirar a própria vida (DURKHEIM, 2000, pág. 353).

Entretanto, o que mais se vincula com as questões modernas é o anômico, e é por meio deste que o presente trabalho busca enquadrar os casos estudados. Segundo a teoria de Durkheim, o estado de anomia é um problema característico das sociedades modernas, visto que nelas as pessoas estão deixando-se levar pelas paixões e encontrando-se em constante insatisfação moral (2000, pág. 313). Pode-se questionar, então, o que é este estado de anomia que o presente artigo tanto retrata. Dessa forma, é nessa seção que ficará explicitado o conceito de anomia, segundo Durkheim.

Um aparente aumento na taxa de suicídio pode se dar tanto em casos inesperados de miséria, quanto de prosperidade. Isso é capaz de suceder por causa de uma quebra no equilíbrio, o qual obriga um rearranjo do

corpo social, e é graças a essas perturbações da vida coletiva que ocorre um enfraquecimento da sua atividade reguladora, levando ao crescimento das taxas de suicídio. O indivíduo não consegue por si só impor limites a seus desejos e paixões, além disso, nunca está completamente satisfeito com o que possui, ele está sempre buscando algo novo e, por este motivo, vive em descontentamento, não conseguindo encontrar estabilidade. Conforme Durkheim, “qualquer ser vivo só pode ser feliz ou até só pode viver se suas necessidades têm uma relação suficiente com seus meios. Caso contrário, se elas exigem mais do que lhes pode ser oferecido ou simplesmente algo diferente, estarão constantemente em atrito e não poderão funcionar sem dor”, (2000, pág.311).

A sociedade é quem lhe estabelece esses limites, a qual tem poder moral para regular e por meio das organizações sociais impor limitações. Ela faz com que o indivíduo perceba até onde ele pode ir sem que prejudique a estrutura social. Entretanto, quando a sociedade não regula bem seus membros e há ocorrências de crises, essas limitações se desestruturam e o resultado é uma maior disposição aos autocídios. Nessa situação, a sociedade logo não consegue mais impor freios morais aos indivíduos, conforme foram observados os casos das análises apresentadas na seção precedente nas supostas influências das músicas.

Foi possível constatar através da pesquisa da OMS que demonstrou altas taxas de suicídio no Brasil, que há um problema na regulação moral do corpo social brasileiro. Há quem diga que esse contratempo na estruturação social está posto desde a formação social do Brasil, pensamento análogo ao do sociólogo Oliveira Vianna, o qual mencionou em sua obra “Populações Meridionais do Brasil” (2005), que em virtude de uma vasta quantidade de terra e do domínio rural, a população que aqui se encontrava obtinha uma estrutura econômica independente fez com que os laços sociais da população que aqui habitava fossem frouxos e desnecessários, não criando, portanto, um sentimento de solidariedade, demonstrando, segundo ele, uma desorganização da sociedade brasileira (2005, pág. 205):

Entre nós, ao contrário, a terra vasta e a terra exuberante – o deserto e o trópico – não tornam necessária a aproximação das classes dentro do ecúmeno rural; não as constroem dentro de uma conexão forçada e permanente; fazem os laços, que as prendem, facilmente solúveis; e lhes dão, no tocante à sua estrutura, à coesão dos seus elementos componentes, uma incoerência, uma desintegração, uma fluidez, uma instabilidade, que as tornam, realmente, inorgânicas e informes.

Como comentado, é notório a ocorrência de um estado de anomia na sociedade brasileira, com números altos de suicídios, diversos casos de violência, assassinios em abundância, crimes em geral. Como evidenciou Durkheim em sua obra “Da Divisão do Trabalho Social”, “de fato, o número médio de suicídios, e dos crimes de toda sorte, pode servir para assinalar a altura da imoralidade numa sociedade dada” (1999, pág. 15). Vale ressaltar que o crime é tido como um fato social normal para Durkheim, pois, segundo ele, o crime é um exercício da manutenção da consciência coletiva que nos vincula enquanto sociedade, e que se mostra por meio da punição. Ele tem o poder regulador que mantém a sociedade em estado de coesão; porém, quando esses casos de crimes tomam tamanhos desproporcionais, análogo ao caso do Brasil, fazendo com que a segurança da sociedade seja desestabilizada, pode ser que haja um estado patológico. A cultura do medo nos jornais, na mídia, tem um ponto positivo se levada em conta a teoria de Durkheim, pois auxiliaria a manter a consciência coletiva forte entretanto, a sociedade entra em estado hobbesiano, onde as pessoas vivem com medo uma das outras a ponto de estarem em constante vigilância, o que, dessa forma, desequilibra a consciência coletiva, fazendo com que os sujeitos se tornem cada vez mais individualistas.

Posto isso, após deixar explícito o conceito de anomia na teoria durkheimiana, através das análises de versos de canções vai-se demonstrar como está sendo representado artisticamente o processo de anomia na sociedade brasileira em formas de música e grupos que as consomem.

2.3 Análise de músicas

O movimento do indie rock teve sua origem na década de 80, principalmente nos Estados Unidos e no Reino Unido⁶. Esse estilo musical resultou da fusão entre o rock alternativo e o punk, estilos musicais do “Rock”. Por meio do nome “indie” que traduzido ao português significa “independente” nota-se uma vertente musical que tinha como propósito a fuga às grandes massas de produção, criando músicas como seu próprio nome sugere, de maneira independente, sem se valer da necessidade de produzir em consonância com o esperado. Sendo assim, o indie trouxe uma nova visão da música: não é preciso compor canções que irão somente resultar em lucro, mas fazer de um jeito próprio e subjetivo, que como consequência encantará as pessoas. Então, é possivelmente por este fato que as músicas podem vir a se tornar mais melancólicas tendo em vista as representações artísticas escolhidas para compor o trabalho, uma vez que a demanda é mais subjetiva do que comercial.

A banda Supercombo é uma banda de indie rock brasileiro formada no ano de 2007 em Vitória no Espírito Santo. Atualmente a banda é integrada pelo vocalista e guitarrista Leo Ramos, pelo guitarrista Pedro “Toledo” Ramos, pela baixista Carol Navarro e pelo tecladista Paulo Vaz⁷. Caucasianos, aparentemente de classe média e em idade adulta, os integrantes desse conjunto abordam em suas músicas como principal essência temática os dilemas e as emoções diárias que marcam a vida das pessoas, tornando temas melancólicos em letras diretas e otimistas. Como informado, a maioria das letras tem predominância do assunto que foi tratado ao longo desse trabalho, que é o da melancolia combinada a um problema de anomia que pode desencadear o suicídio. E a partir das análises de letras de música da banda Supercombo o presente trabalho busca demonstrar esse processo de anomia que está dado em meio à sociedade e conseqüentemente em meio a essas pessoas que com essas temáticas se identificam.

[...] Moça, sai da sacada/Você é muito nova, pra brincar, de morrer/Me diz o que há, o que é que a vida aprontou, dessa vez?/Venha, desce daí/Deixa eu te levar pra um café, pra conversar/Te ouvir/E tentar te convencer/Que a vida é como mãe/Que faz o jantar e obriga os filhos a comer os vegetais/Pois sabe que faz bem/E a morte é como pai/Que bate na mãe e rouba os filhos do prazer de brincar/Como se não houvesse amanhã/ /Moça, não olha pra baixo/Aí é muito alto/Pra você se jogar/Vou te ouvir/E tentar te convencer/(Somos programados pra cair)/Que a vida é como mãe/Que faz o jantar e obriga os filhos a comer os vegetais/Pois sabe que faz bem/E a morte é como pai/Que bate na mãe e rouba os filhos do prazer de brincar/Como se não houvesse amanhã/ Mas, tudo bem, nem sempre estamos na melhor/Moço, ninguém é de ferro/Somos programados pra cair [...] (DIAZ, Jean; NAVARRO, Carol; RAMOS, Leonardo; VAZ, Pedro; RAMOS, Pedro Toledo; DE PAULA, Raul, 2014).

Para dar início, a escolha da primeira música foi a “Amianto”. Ela é uma das músicas mais melancólicas da banda, pois é uma composição que de imediato já chama a atenção para a temática deste trabalho. Além disso, o seu nome é bem característico, sendo o amianto uma substância altamente perigosa para a saúde do ser humano quando inalada. Combinada a isso, a banda faz alusão direta ao suicídio. É possível até mesmo observar através do clipe da canção esse intuito, no qual a imagem se apresenta trêmula e é a jovem garota retratada pelo narrador quem está no alto de uma sacada a ponto de se arremessar. A menção à juventude da figura feminina é interessante, pois expressa que muitos jovens estão em antagonismo para com as instituições sociais e com aptidão para o suicídio, se apresentando em conformidade com as pesquisas da OMS. A partir disso, se nota que há um descompasso da menina com a vida, como se a vida estivesse em constante desequilíbrio e por este motivo ela queira dar fim a esse sofrimento. No refrão, o narrador faz uma analogia com a estrutura familiar, na qual a mãe está representada pela vida que é sempre atenciosa, mas que repreende para um aprendizado, e a morte, expressada pelo pai, que agride a mãe e repreende seus filhos. Com isso, chama a atenção para um fato bastante corriqueiro na sociedade brasileira, no qual a mulher sofre transtornos frequentes frente ao machismo, demonstrando uma instituição falida e, portanto, em processo de anomia. Ao findar a música, a figura da menina apresenta uma resposta ao narrador que está tentando lhe convencer da vida através do trecho, “... moço ninguém é de ferro, somos programados para cair”, certificando que as instituições que deveriam estar regulando-a, levavam-na a uma vontade de se matar.

⁶ As confirmações sobre essas informações estão disponíveis em: <<http://sobrepoucoquasetudo.blogspot.com/2012/11/indie-rock.html>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

⁷ Estas informações sobre a banda e sua formação estão disponíveis no próprio site gerido pela banda, disponível em: <<https://www.supercomborock.com/>>. Acesso em: 18 de nov 2019.

[...] Eu nunca fiz questão de estar aqui/Muito menos participar/E ainda acho que o meu cotidiano/Vai me largar.../Um dia eu vou morrer/Um dia eu chego lá (um dia eu chego lá)/E eu sei que o piloto automático/Vai me levar.../Eu devia sorrir mais/Abraçar meus pais/Viajar o mundo e socializar/Nunca reclamar/Só agradecer/Tudo o que vier eu fiz por merecer/Eu devia sorrir mais/Abraçar meus pais/Viajar o mundo e socializar/Nunca reclamar/Só agradecer/Fácil de falar, difícil fazer.../Quase toda vez que eu vou dormir/Não consigo relaxar (não consigo relaxar)/Até parece que meus travesseiros pesam/Uma tonelada/Eu devia sorrir mais/Abraçar meus pais/Viajar o mundo e socializar/Nunca reclamar/Só agradecer/Tudo o que vier eu fiz por merecer/Eu devia sorrir mais/Abraçar meus pais/Viajar o mundo e socializar/Nunca reclamar/Só agradecer/Fácil de falar, difícil fazer.../Eu devia sorrir mais/Abraçar meus pais/Viajar o mundo e socializar/Nunca reclamar/Só agradecer/Fácil de falar, difícil fazer.../Eu nunca fiz questão de existir/Não queria incomodar/Um dia eu acho um jeito de aparecer/E você notar (piloto automático)/E você notar (piloto automático)/E você notar...[...] (DIAZ, Jean; NAVARRO, Carol; RAMOS, Leonardo; VAZ, Pedro; RAMOS, Pedro Toledo; DE PAULA, Raul, 2014).

Dando sequência à análise, a música “Piloto Automático” revela já em seu nome o que a composição procura retratar, isto é, a automaticidade da vida cotidiana. Através dela dá para notar uma insatisfação em estar vivo e participar da vida social, sendo a participação um peso para o indivíduo. Para mais, a música exprime que a consciência coletiva do indivíduo descrito já não se apresenta tão integrada; para ele, a participação no meio coletivo não faz mais sentido. A melancolia em existir é evidente e a morte é almejada. Entretanto a figura evidenciada na canção enxerga todo esse processo como automático. Devido ao descontentamento com a rotina e toda essa insatisfação moral, o indivíduo não consegue entrar em coesão com o corpo social e não consegue manter hábitos; como viver sorrindo, ser solícito, ser simpático, ser valorizador da vida, fugindo, portanto, das conformidades sociais. Esse tipo de pessoa sofre coerção por meio daquelas nos quais a consciência coletiva encontra-se forte, visto que percebem e julgam as desviadas como as que vivem reclamando e sendo mal-agraçadas. Por fim, devido a esse descompasso com a vida social, a figura mencionada faz alusão a uma possível autodestruição através do trecho “um dia eu acho um jeito de aparecer e você notar”.

[...] Todo dia o mesmo teto ela não aguenta mais essa horizontal/(Todo dia)/Respira pelos canos e ninguém vai te ouvir gritar/A escuridão deve ser melhor que isso/Deixa eu decidir não quero ser submisso/A escuridão deve ser melhor que isso/Solta minha mão, deixa eu abraçar o abismo/Um terno branco de aparelhos e a festa pode começar na UTI/Respira pelos canos e ninguém vai te ouvir gritar/A escuridão deve ser melhor que isso/Deixa eu decidir não quero ser submisso/A escuridão deve ser melhor que isso/Solta minha mão, deixa eu abraçar o abismo/A escuridão deve ser melhor que isso/Deixa eu decidir não quero ser submisso/A escuridão deve ser melhor que isso/Solta minha mão, deixa eu abraçar o abismo/Apagar a luz deve ser melhor/Apagar a luz deve ser melhor/a/A escuridão deve ser melhor que isso/Solta minha mão amar o abismo/A escuridão deve ser melhor que isso/Deixa eu decidir não quero ser submisso/A escuridão/deve ser melhor que isso/Solta minha mão, deixa eu abraçar o abismo [...] (BRITTO, Sérgio; NAVARRO, Carol; RAMOS, Leonardo; VAZ, Pedro; RAMOS, Pedro Toledo; DE PAULA, Raul, 2016).

Prosseguindo, a música “Eutanásia” refere-se diretamente à morte. Em concordância com tal titulação, propõe conceder a morte a um indivíduo sem sofrimento. A partir disso, ela faz alusão a uma mulher que está de maneira rotineira na UTI em razão de uma enfermidade, sobrevivendo por equipamentos médicos. Com isso, chega à conclusão de que a morte é a melhor solução para tal situação, melhor do que continuar nesse sofrimento, pois ela está neste estado, mas não gostaria de permanecer nele. De acordo com a interpretação, a metáfora utilizada nessa música por meio da pessoa internada não passa de uma representação, querendo retratar de fato uma pessoa que está em estado de anomia, a qual não faz questão de sua existência e por isso prefere a morte. A vida para ela já não faz mais sentido, vive em estado de “enfermidade” sem nenhuma vontade para permanecer com a vida e participar do meio social; as instituições sociais não conseguem amenizar tal situação. No trecho “a escuridão deve ser melhor que isso”, expressa uma pessoa que já não suporta o estado patológico no qual ela está vivendo e nada a traz graça suficiente para manter a vida. E, portanto, gostaria de ter a autonomia e a concessão de poder tirar a própria vida, isto é, cometer eutanásia. Nesse contexto foi utilizada a eutanásia em virtude da metáfora apresentada, não obstante, pode ser referência também ao suicídio.

[...] Aguenta o peso/Segura a onda/Sem chorar, sem chorar/Faz assim, faz assado/A imaginação vai pelo ralo/Internaliza sempre/Te ensinaram tudo errado/Deixa assim/Faz igual ao coleguinha do lado/Que vai ser sucesso/O mundo quer você quadrado/O tempo vai te rolar do alto do morro/E sinto as quinas vão machucar/Se prepara robozin/O tempo vai te rolar do alto do morro/E sinto as quinas vão machucar/Abra esse teu mundinho/Se prepara robozin/Faz assim, faz assado/Imaginação vai pelo ralo/Internaliza sempre/Te disseram que você ta sempre errado/Deixa assim/Faz igual ao coleguinha do lado/Que vai ser sucesso/O mundo quer você quadrado/O tempo vai te rolar do alto do morro/E sinto as quinas vão machucar/Se prepara robozin/O tempo vai te rolar do alto do morro/E sinto as quinas vão machucar/Abra esse teu mundinho/Se prepara robozin/O tempo vai te rolar do alto do morro/E sinto, a lata vai amassar/Se prepara robozin/O tempo vai te rolar do alto do morro/E sinto, a lata vai amassar/Abra esse teu mundinho/Se prepara robozin [...] (NAVARRO, Carol; RAMOS, Leonardo; VAZ, Pedro; RAMOS, Pedro Toledo; DEA, André, 2019).

Seguindo com essa observação de desintegração da sociedade, a música “Robozin” coincide perfeitamente. O nome já carrega uma noção de imobilidade, de imitação, de fazer tudo aquilo que os outros fazem, de ser um robô. A letra demonstra a necessidade que é imposta pela sociedade de internalizar os sentimentos da consciência individual a fim de suportar sem se expressar ou tomar atitudes que firam o corpo social, mantendo, dessa forma, a conformidade quanto às regras. O sarcasmo está presente quando se trata das regras sociais, salientando que tais princípios transformam as pessoas em uniformes, todas quadradas seguindo em conjunto as regras da organização social sem poder se expressar da forma que lhes convém. A partir disso é possível notar uma consciência coletiva desestruturada, pois o indivíduo não deseja seguir as normas sociais, visto que ele já não se identifica mais com elas, e, por isso, se porta com um tom de revolta, com uma vontade de fazer as coisas do seu modo, demonstrando um processo de desequilíbrio social, no qual as instituições que deveriam regular estão desagregadas. E, baseado nisso, o sujeito faz apelo às pessoas que também se identificam com esses sentimentos para que saiam dessa uniformidade, da conformidade das regras sociais, mas salienta o quão difícil é sair desse meio. Desta forma, todos os que não estão sendo abarcados pela consciência coletiva se identificariam com tais letras e sentimentos, e se portariam por meio de atitudes subversivas.

[...] Às vezes, é fácil sorrir/Às vezes, só fecha a cara/Às vezes, é só dormir/Às vezes, não melhora/Às vezes, é fácil ouvir/Às vezes, é gritaria/Às vezes, é um poço sem fim/Às vezes, é uma escada/Calma, vai passar/Espera a tempestade clarear/Os maremotos de química surgem/Bagunçam tua cabeça a todo vapor/Calma, vai passar/Espera a tempestade clarear/Os travesseiros derretem à noite/Todos que cobram você, não sabem a dor/Às vezes, esconde de si/Às vezes, dá a cara a tapa/Às vezes, não dá pra fugir/Às vezes, tu só viaja/Calma, vai passar/Espera a tempestade clarear/Os maremotos de química surgem/Bagunçam tua cabeça a todo vapor/Calma, vai passar/Espera a tempestade clarear/Os travesseiros derretem à noite/Todos que cobram você, não entendem a dor/O eu de dentro sempre fica enterrado/Pra conhecer, você precisa cavar/Nossas sementes sempre ficam isoladas/Pra conhecer, você precisa plantar/Nossos espinhos sempre ficam apontados/É proteção pra não se decepcionar/Os nossos medos são os nossos papagaios/Pesam os ombros e repetem mantras infernais/Calma, vai passar/Espera a tempestade clarear/Os maremotos de química surgem/Bagunçam tua cabeça a todo vapor/Calma, vai passar/Espera a tempestade clarear/Os travesseiros derretem à noite/Todos que cobram você, não sentem dor/O eu de dentro sempre fica enterrado/Pra conhecer, você precisa cavar/Nossas sementes sempre ficam isoladas/Pra conhecer, você precisa plantar/Nossos espinhos sempre ficam afiados/É proteção pra não se decepcionar/Os nossos medos são os nossos papagaios/Pesam os ombros e repetem mantras infernais [...] (NAVARRO, Carol; RAMOS, Leonardo; VAZ, Pedro; RAMOS, Pedro, 2018).

Dando continuidade, a canção “Maremotos” não se mostra em discordância com as outras. Mais uma vez, o título é bem característico, remetendo a um abalo sísmico, uma onda gigante que destrói tudo o que está pela frente. E é nessa linha de pensamento que a música se dirige. Ao longo do clipe é possível constatar uma perda do controle da própria vida através da figura imersa na água, com um maremoto de sentimentos anêmicos que a faz refém, fazendo alusão também ao nome da música, como se a pessoa estivesse à beira do

afogamento. Em sua letra observa-se um processo de instabilidade moral, no qual a pessoa se encontra em constante oscilação, ora estando bem, ora estando mal. Esse desequilíbrio moral em razão de uma depressão faz com que a pessoa não consiga e não queira participar da vida coletiva e das regras sociais que lhe são impostas. Através da palavra mencionada “tempestade” é notório um processo turbulento pelo qual a pessoa está passando no qual há uma perda da consciência moral. O uso de entorpecentes com a finalidade de reverter esse sofrimento é presente. A cobrança do meio social não é um fator fácil de conciliar para a figura apresentada na música e nem para os grupos que se identifiquem com essas letras. As instituições sociais para eles já não estão em consonância, e é por este motivo que não estão desejosos de participar delas, demonstrando, portanto, que o estado de anomia está dado nesses sujeitos e no corpo social, e um possível suicídio pode vir a ser cometido.

[...] Os monstros que me assombravam/Ao dormir/Me propuseram o cessar fogo/Alegando que eu não sei sorrir/Que eu não sou mais o mesmo/Que eu vivo no passado/E não me assusto com o que antes era/Meu tormento/Também queria ser imaginário/Aparecer só quando apropriado/Não medir minhas palavras/Também queria ser imaginário/Sumir quando estiver dando tudo errado/Sem pesar na consciência/Mas como faz?/As criaturas das profundezas do edredom/Querem me expulsar do quarto/Vai tomar um sol/Que eu não sou mais o mesmo/Que eu vivo no passado/E não me assusto com o que antes era/Meu Rogério/Também queria ser imaginário/Aparecer só quando apropriado/Não medir minhas palavras/Também queria ser imaginário/Sumir quando estiver dando tudo errado/Sem pesar na consciência/Ser adulto não é fácil/Ser adulto não é fácil/Ser adulto não é fácil/Eu também queria ser imaginário/Aparecer só quando apropriado/Não medir minhas palavras/Eu também queria ser imaginário/Sumir quando estiver dando tudo errado/Sem pesar na consciência/Também queria ser imaginário/Aparecer só quando apropriado/Não medir minhas palavras/Também queria ser imaginário/Sumir quando estiver dando tudo errado/Sem pesar na consciência [...] (NAVARRO, Carol; RAMOS, Leonardo; VAZ, Pedro; RAMOS, Pedro Toledo; DE PAULA, Raul, 2016).

Seguindo com a análise, a música “Monstros” apresenta em sua composição uma perturbação do indivíduo depressivo quanto a si mesmo, traspassando até mesmo um problema mental no qual esses “monstros” que estão em sua mente colaboram para que ele não fique em paz. Entretanto, o fato que interessa este trabalho é o motivo pelo qual ele não se sente em pacificidade, e essa justificação se dá por causa de uma cobrança social, por causa da mudança que o mesmo apresentou, e isso gerou uma repercussão ao coletivo não tão agradável. A letra apresenta também um descompasso com a coesão porque o indivíduo vive melancólico, não consegue sorrir para os outros nem estar em equilíbrio com ele mesmo. Essa mudança do sujeito fez com que ele não fosse mais igual às outras pessoas, desvinculando-se da consciência coletiva, a qual mantém os indivíduos unânimes. Por meio da melodia é possível notar um tom mais irritado, com batidas melódicas mais graves, e voz mais gritada. A anomia está declarada no trecho “sumir quando estiver dando tudo errado”. Dessa forma, o indivíduo não consegue lidar com os problemas que em sua frente aparecem e por não dispor de uma sociedade que o reestruture quando os problemas aparecem, dado que ela está também desestruturada, é capaz de uma possível tentativa de suicídio. Há o uso de um pseudônimo bastante curioso em grande parte das composições desta banda, sendo até mesmo o nome do álbum, que se chama “Rogério”, o mesmo refere-se a um tormento, demonstrando um problema, possivelmente, com a figura paterna. O trecho “não medir minhas palavras” demonstra o quanto esse indivíduo que já não se sente em consonância com a moral social gostaria de se expressar sem a punição de outros, mas reconhece que esse processo é complexo e que o indivíduo é limitado. Ao fim da música, aparece uma parte bastante interessante que manifesta um estado de anomia quanto à mudança de idade, revelando uma falta de adaptação do indivíduo que era jovem e virou adulto, não conseguindo lidar com a quebra do equilíbrio que se deu nesse processo.

[...] Vou fazer um chá com umas plantas ornamentais/Sentar nessa varanda na minha mente com os meus bonsais/Perguntar para os passarinhos como os pombos voam e que horas eles vão cantar/Esse crânio é o meu refúgio ninguém me impede de meditar/Um dia eu me sequestrei fui meu cativo/Loucura desse mundo não é pra mim/Eu prefiro a minha cama/Botar o meu pijama e só/Sintonizar a mente/Morar em Bangladesh/Trocar ideia com os peixe/Romance em filme de horror/Prefiro a minha cama/Botar o meu pijama e só/Sintonizar a mente/Morar em Bangladesh/Trocar ideia com os peixe/Romance em filme de horror/Vão me entrevistar pra um jornal de Madagascar/Deitado nos elétrons levitando com os meus

bonsais/Discussindo sobre o futuro com leões marinhos lagartixas, pombos e gambás/Esse crânio é o meu refúgio/Ninguém me impede, ninguém me impede/Esse crânio é o meu refúgio/Morpheus mandou eu nunca acordar/Um dia eu me sequestei fui meu cativo/Loucura desse mundo não é pra mim/Eu prefiro a minha cama/Botar o meu pijama e só/Sintonizar a mente/Morar em Bangladesh/Trocar ideia com os peixe/Romance em filme de horror/Prefiro a minha cama/Botar o meu pijama e só/Sintonizar a mente/Morar em Bangladesh/Trocar ideia com os peixe/Romance em filme de horror/Prefiro a minha cama/Botar o meu pijama.../Morar em Bangladesh/Trocar ideia com os peixe/Romance em filme de horror/Prefiro a minha cama/Botar o meu pijama e só/Sintonizar a mente/Morar em Bangladesh/Trocar ideia com os peixe/Romance em filme de horror/Eu não saio desse coma nem a força/Eu não saio dessa cama nem a força [...] (NAVARRO, Carol; RAMOS, Leonardo; VAZ, Pedro; DE PAULA, Raul; RAMOS, Pedro Toledo, 2016).

E, para findar a análise, a música "Bonsai" tem uma levada mais agitada e animada. Entretanto, segue o mesmo caminho das outras composições. A letra demonstra uma felicidade do indivíduo em não querer mais seguir as normas sociais, e, por este motivo, prefere se isolar do corpo social. Nessa música o sujeito manifesta que não está em conformidade com o mundo, com as organizações sociais que exercem coerção para com seu meio social, mas que, para ele, é considerado uma loucura, e, portanto, se desligou do mundo. Ele não se enxerga integrado ao que chama de loucura, desintegrando-se da consciência coletiva e prevalecendo sobre uma consciência individual. No entanto, nesse caso não é por causa de um excesso de consciência individual que o suicídio poderia vir a acontecer, mas sim em virtude de um processo de anomia, devido a uma instabilidade para com o corpo social, um sentimento de não identificação com a moral social. Por isso o distanciamento dela, pois o indivíduo não está mais em consonância com o meio social. Dessa forma, ele prefere ficar isolado a ter que participar da sociedade, e ele não está sofrendo por ter que fazer isso, mas pelo fato de não ter uma instituição que o ampare. E, dessa forma, ele prefere ficar em sua cama, se refugiando em sua própria consciência individual, a qual ele retrata como um refúgio a este mundo "louco". Comprovando também a anomia na qual a sociedade brasileira se apresenta.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto de que o processo de anomia social que abarca a sociedade brasileira pode ser vislumbrado através das letras analisadas, chega-se à conclusão de que o propósito postulado desde o início do trabalho foi demonstrado. Isto é, não é a música que faz com que o indivíduo se mate, nem mesmo a exposição de tais notícias em meios de comunicação; as pessoas estão tirando a própria vida devido a um processo de anomia social anterior, em que elas se encontram vinculadas à sociedade que está moralmente falida, pois não consegue mais mantê-las em coesão. Está posto então que a sociedade brasileira – mundial – está totalmente desordenada, e o remédio para tal melhora seria uma maior reorganização geral de suas instituições sociais.

Por fim, o suicídio é um fato que deveria atrair mais atenção por parte dos sociólogos contemporâneos, visto que sua ocorrência tem sido alta não só no Brasil, como visto anteriormente, mas em todo o mundo, comprovando que todos os países estão sofrendo, em diferentes graus, com a anomia social, que pode muitas vezes, conforme é o caso do Brasil e dos Estados Unidos se dar em virtude de uma sociedade originalmente desestruturada. Há poucos conteúdos nos estudos de sociologia na área que este artigo pretendeu abordar, sendo um assunto de imenso interesse, e até mesmo recomendado para que se pense em tal, posto que as músicas retratam o ambiente social em que as pessoas estão e se este ambiente é moralmente integrado ou não, se está regulando como deveria ou não, será demonstrado através de suas letras, não só com a temática do suicídio, mas também com outros problemas sociais.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Felipe. Clube dos 27. **InfoEscola**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/musica/clube-dos-27/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.
- BLEZER, Débora. 10 músicos que tiraram a própria vida. **Revista Cifras**. 05 abr. 2013. Disponível em: https://revista.cifras.com.br/artigo/10-musicos-que-tiraram-a-propria-vida_5977. Acesso em: 22 out. 2019.
- DURKHEIM, Émile. **Regras do método sociológico**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1966.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio: Estudo sociológico**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FERREIRA, Maria Cristina. A Psicologia Social Contemporânea: Principais Tendências e Perspectivas Nacionais e Internacionais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 26 n. especial, pp. 51-64, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26nspe/a05v26ns.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2019.
- Índie Rock. **Sobre pouco quase tudo**. 26 nov. 2012. Disponível em: <<http://sobrepoucoquasetudo.blogspot.com/2012/11/indie-rock.html>>. Acesso em: 19 nov. 2019.
- MOESSA, Graziely Martins; MANCINI, Anna Maria Penalva. A mídia e a publicação sobre suicídio: algumas reflexões. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação**. Caxias do Sul, RS, set. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2595-1.pdf>>. Acesso em 02 set. 2019.
- OMS: quase 800 mil pessoas se suicidam por ano. **Nações Unidas Brasil**. 10 set. 2018. Desenvolvimento sustentável. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-quase-800-mil-pessoas-se-suicidam-por-ano/amp/>>. Acesso em: 16 out. 2019.
- PIMENTEL, Carlos Eduardo et al. Preferência musical e risco de suicídio entre jovens. **Música e suicídio**. Brasília, pág. 26-31, 16 jan. 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ibpsiq/v58n1/a04v58n1.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2019.
- SANTIAGO, Tatiana; MACEDO, Letícia. Músico Champignon é encontrado morto em sua casa em SP. **Globo G1**, São Paulo. 09 set. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/09/musico-champignon-e-encontrado-morto-em-sp.html>>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- TÉVEZ, Oscar. As entranhas coincidências entre as mortes de Charter Bennington e Chris Cornell. **El país**. 21 jul. 2017. Internacional. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/21/internacional/1500613513_448682.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- Um suicídio ocorre a cada 40 segundos no mundo, diz OMS. **Nações Unidas Brasil**. 09 set. 2019. Desenvolvimento sustentável. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/um-suicidio-ocorre-a-cada-40-segundos-no-mundo-diz-oms/amp/>>. Acesso em: 16 out. 2019.
- VIANNA, Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil**. Vol. 27. Brasília. Edições do Senado Federal, 2005.